

BRUNO PUCCINELLI,
FÁBIO FERNANDES &
RAMON FONTES (ORGS.)

AIDS SEM CAPA

reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia



editora
DEVIRES

BRUNO PUCCINELLI,
FÁBIO FERNANDES &
RAMON FONTES (ORGS.)

AIDS

SEM CAPA

reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia



editora
DEVIRES

AIDS sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia

Organizadores: Bruno Puccinelli, Fábio Fernandes e Ramon Fontes

Editor: Gilmaro Nogueira

Diagramação: Daniel Rebouças

Arte da capa: Chris, The Red

O Terço Objeto (São Paulo, 2021)

Foto-Registro por Chris, The Red

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas
Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB

Prof. Dr. Djalma Thürler
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. Fran Demétrio
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof. Dr. Helder Thiago Maia
USP - Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Hilan Bensusan
Universidade de Brasília - UNB

Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus
Instituto Federal Rio de Janeiro - IFRJ

Profa. Dra. Joana Azevedo Lima
Devry Brasil - Faculdade Ruy Barbosa

Prof. Dr. João Manuel de Oliveira
CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa

Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Prof. Dr. Leandro Colling
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Marcio Caetano
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dr. Pablo Pérez Navarro
Universidade de Coimbra - CES/Portugal
e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil

Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva
Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

A61 Aids sem capa : reflexões virais sobre um mundo pós
1.ed. 1.ed. pandemia / organizadores Bruno Puccinelli, Fábio
Fernandes, Ramon Fontes. - 1.ed. - Salvador, BA :
Devires, 2022.
432 p.; 16 x 23 cm.

ISBN : 978-85-93646-44-7

1. Aids (Doença) - Obras de divulgação. 2. Dissidências.
3. Epidemia. 4. HIV (Vírus) - Prevenção. 5. Políticas públicas.
6. Saúde pública. I. Puccinelli, Bruno. II. Fernandes, Fábio.
III. Fontes, Ramon.

12-2022/37

CDD 362.196972

Índice para catálogo sistemático:

1. HIV-Aids : Cuidados de saúde : Problemas sociais 362.196972
Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

editora
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro - Simões Filho - BA
www.editoradevires.com.br

Sumário

| | |
|---|-----|
| Apresentação - Transe com a tia Leandro Colling | 7 |
| Corpo, memória e aids: diálogos em espiral Bruno Puccinelli Fábio de Sousa Fernandes Ramon Víctor Belmonte Fontes | 11 |
| Jesus, Exu e AZT Lili Nascimento | 21 |
| Memorial (im)possível: o fantasma vigiado Renan Kenji Sales Hayashi | 27 |
| Quatro poemas de “Promíscuo” Fernando Impagliazzo | 47 |
| Um circuito pulsional para o esperma: corpo, pele e “porra” no sexo <i>bareback entre homens</i> Vladimir Bezerra | 51 |
| De virus corporales, de cuerpos virales Sejo Carrascosa | 71 |
| Bicha preta, periférica e escrev[hiv]vente: “fragmentos disso que chamamos de vida” Maurício Silva da Anunciação | 95 |
| O velório de Maria Silvino - pneumonia, HIV/Aids, Covid-19 e a Necropolítica no Brasil Maria Sil | 111 |
| Entre memórias, espelhos e armários: ancestralidade indígena, homossexualidade e HIV Salvador Campos Corrêa | 129 |
| Revido os dilemas que nos trouxeram até aqui: reflexões sobre as respostas da Sociedade Civil, da Ciência e do Estado no enfrentamento da epidemia de AIDS no Brasil Adriano Henrique Caetano Costa André Luis Leite Guilherme Shimocomaqui | 149 |
| Sonhar tesões (im)possíveis Tiago Amaral Sales | 173 |
| Um panorama historiográfico do HIV/aids na literatura brasileira (1980-2020) Leandro Noronha da Fonseca | 181 |
| glosa sobre tempo Ramon Víctor Belmonte Fontes | 201 |
| Cadáver Esquisito: uma história de amor intergaláctica Todd Lanier Lester | 209 |

| | |
|---|-----|
| Diante de histórias da arte e histórias da aids Ricardo Henrique Ayres Alves | 257 |
| Cartas abertas para além do fim do mundo coletivo HIV/arte | 271 |
| Vitamina ou peste gay? Relato de convivências com o vírus HIV a partir das relações de gênero no <i>barebacking sex</i> Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior Carlos Alberto de Carvalho | 289 |
| Agir como um vírus: práticas artísticas virais Francisco Luis Brandão Teixeira do Rego | 309 |
| Perseguir estigmas pelo corpo Vina di Carvalho | 327 |
| DEMUNI: um ato-de-memória bicha e dissidente em processo Fabiano de Freitas | 345 |
| Arte e HIV: a recusa do silêncio como antídoto para o estigma Ronaldo Serruya | 357 |
| A indetectabilidade e a retórica preventiva em HIV/Aids: Sujeitos, desejos e moralidades Ricardo Andrade Coitinho Filho | 365 |
| Poesia, pontes e conversas para desmobilizar a aids Kako Arancibia | 385 |
| Rádio Pirata no meio da Mata Xan Marçall | 399 |
| Contagem regressiva: o tempo e o fim das identidades soropositivas Fábio Fernandes | 407 |
| As escribas | 425 |

Apresentação

Transe com a tia

Em 2021, a pandemia de hiv/aids completou quarenta anos. Em 2021, eu completei cinquenta anos. Mas isso não quer dizer que eu tenha vivido um tempo sem o espectro do hiv/aids pois quando comecei a ter uma vida sexual mais intensa a pandemia estava já instalada e com forte apelo midiático. Em 1989, por exemplo, quando a revista *Veja* publicou a fatídica capa com Cazuzza, eu, com 18 anos, ingressei na Universidade de Ijuí e começava a ter meus relacionamentos mais frequentes com outros rapazes. Ou seja, no exato momento em que eu começava a sair do armário e a conhecer outras pessoas homossexuais, o hiv/aids estava em todas as mídias e em todas as nossas conversas. Qual o impacto disso nas nossas subjetividades? Imenso, sem dúvidas.

Em 1991, quando a pandemia do hiv/aids completou dez anos, iniciei o curso de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, cidade que integra a Região Metropolitana de Porto Alegre. Foi ali que conheci várias pessoas entendidas. Sim, nos identificávamos como entendidos e entendidas. Obviamente, a palavra gay já era conhecida, mas talvez a nossa resistência em usar uma em inglês (éramos contra o imperialismo norte-americano!) e a própria pandemia fez com que o/a entendido/a permanecesse por algum tempo como uma identidade não pública, restrita aos guetos que eu começava a conhecer na capital gaúcha.

E foi em uma boate chamada *Enigma*, em Porto Alegre, em 1991/1992, que eu conheci a primeira pessoa com hiv. Eu estava a fim dela e uma bixa com quem eu bebia me disse: “não transe com ela, ela está com a tia”. “Estar com a tia” era a forma como nos referíamos a quem era portador do vírus hiv. Essa sentença nem sempre estava correta e muitas vezes era baseada na aparência das pessoas. Se uma bixa aparecia mais magra, por exemplo, as demais logo diziam: “nossa, como ela emagreceu! Deve estar com a tia”. Se alguma deixava de aparecer na boate (íamos ao *Enigma* todas as semanas!), a conclusão era: “ou pegou a tia e morreu ou casou”.

E várias delas realmente morreram em consequência do hiv/aids. Inclusive aquele lindo menino pelo qual eu estava interessado. E ele foi apenas uma das tantas pessoas pelas quais choramos. Lembro, por exemplo, da manhã do dia 18 de setembro de 1994. Eu tinha acabado de chegar na redação do *Jornal NH*, onde atuava como repórter, e comecei a ler a crônica semanal de Caio Fernando Abreu, que sempre era publicada no jornal *Zero Hora*. Naquele dia, na terceira das *Cartas para além dos muros*, nosso amado escritor relevava ser soropositivo, o que ali também era uma sentença de morte. A redação, sempre barulhenta, ficou em silêncio. Vários entendidos, como eu, foram chorar no banheiro.

Lembrei de tudo isso, outra vez, ao ler o livro *AIDS sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia*. Quanta coisa mudou e quanta coisa também permanece quase no mesmo patamar. O que era chamado de tia, por exemplo, conforme texto de Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior e Carlos Alberto de Carvalho, agora é chamado de “filho”. A tia ninguém queria, já o filho pode até ser solicitado. Esse livro trata de forma brilhante dessas transformações e de várias continuidades, como os estigmas e, principalmente, sobre como o hiv/aids ainda mata. E mata, como atestam vários textos, mais pessoas pretas.

Entre as transformações, talvez as mais impactantes talvez tenham relações com a profusão de narrativas, as diversas formas com as quais hoje as pessoas soropositivas se relacionam com o vírus, os efeitos dos novos medicamentos no tratamento e prevenção e

nas nossas práticas sexuais atuais. Todas essas e outras dimensões estão muito bem contempladas nesta belíssima obra: diversa, indisciplinada e fundamental. Ou seja, é uma obra que aprende, reflete e transa com a tia.

Salvador, 6 de dezembro de 2022.

Leandro Colling

Corpo, memória e aids: diálogos em espiral

Bruno Puccinelli

Fábio de Sousa Fernandes

Ramon Víctor Belmonte Fontes

Pandemia, quarentena, vírus, vacina, infecção, morte. Nos últimos anos, o mundo se acostumou a utilizar com frequência esse léxico e os códigos sanitários em torno de um cenário pandêmico. A ideia para esta publicação começa a circular entre nós pelos idos de 2019, um pouco antes do vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, provocar uma reviravolta em termos globais. Naquele momento, estávamos instigados a pensar uma publicação que refletisse sobre o panorama de outro agente infeccioso que movimentou e continua a movimentar as paisagens psicossociais ao redor do planeta: o vírus do hiv, causador da aids¹. Contudo, a experiência da pandemia de COVID-19 afetou o projeto, nos afetou. Estamos vivos, apesar do rolo compressor e da dureza dos anos recentes, mas a nossa escrita e os diálogos não passaram incólumes.

¹ Optamos por grafar as palavras hiv e aids em minúsculo, seguindo o pensamento do ativista e artista soropositivo Herbert Daniel, que nos ensina: “uso a palavra em minúscula para chamar atenção para este significante que quer dizer muito mais do que a doença indicada com a sigla AIDS” (DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas/ dois olhares se cruzam numa noite suja - Rio de Janeiro: ABIA, 2018, p.141). Nos momentos em que estiverem grafadas em maiúscula, a partir daqui, dirão respeito às escolhas teóricas e críticas de cada pessoa autora que compõe a coletânea.

Estávamos interessados em reunir contribuições de diversas linguagens e gêneros discursivos que produzissem uma cena porosa, mas não menos qualificada, acerca da multiplicidade de caminhos reflexivos que a temática sugere, desde aquilo que se convencionou nomear como um marco clássico, ou talvez uma marcação colonial sobre a história única que se foi tecendo sobre a epidemia a partir do ano de 1981, até o ruído de perspectivas dissonantes, pessoais, poéticas e transdisciplinares sobre essa mesma cena e os seus afluentes. De artigos científicos a poemas e textos teatrais. De ensaios a manifestos e crônicas. Uma polifonia engasgada pelos números alarmantes das mortes recentes (sejam as persistentes de aids ou as da COVID-19) e dos ecos de décadas de aids atravessando-nos afetiva, biológica, psíquica e culturalmente.

Parece-nos importante refletir sobre o fato de que três corporalidades identificadas como masculinas e cisgêneras reúnam-se, em 2022, para pensar sobre uma epidemia que mobilizou toda uma rede discursiva em torno das questões de sexualidade e gênero. Nesse sentido, há que se pensar sobre a colonialidade das estruturas como um ponto de grande importância para manejar os desejos que giram aqui, isto é, as clivagens identitárias que possibilitam a reunião de três bichas universitárias em dois mil e vinte e dois, decididas a mergulhar numa reflexão sobre a mesma pandemia que há mais de quarenta anos atravessa a identidade bicha. O ambiente de rigor e rudeza da academia reiteradamente nos tolhe, enquadra e limita quanto ao que e como falar. E apesar da aids ser marcada pela verborragia, parece-nos um indício de que a necessidade de continuar falando sobre isso, principalmente a partir desse atravessamento de sexualidade e gênero, mantém intacta ou pouco arranhada uma certa reencenação dos discursos sobre o corpo viado, gay, bicha, travesti, transexual, transgênero, como se para garantirmos a existência do debate público sobre a temática só, e somente só, corpos como os nossos tivessem que se mover.

No entanto, a reunião de nossas viadagens diversas (raciais, sorológicas e territoriais) possibilitaram em nós uma abertura no sentido de pensar uma publicação que não só contasse outras histórias sobre

a epidemia, mas também informasse, sem exatamente reencenar a obliteração da história da aids, o lugar importante que teve e tem essa identidade bicha na construção de um espaço-tempo de acolhimento e revolução que nos mantem, coletivamente, vivas até hoje. A relação metonímica entre hiv, aids, gueis e pessoas vivendo com hiv é ponto de partida dos discursos a respeito da epidemia, haja vista relação de contiguidade semântica atribuída a esses sintagmas. Destacamos aqui alguns fatos que corroboram essa tese: em seu início, a aids foi intitulada GRID (*Gay-Related Immune Deficiency*), isto é, uma imunodeficiência relacionada aos *gays*; logo houve a difusão dos epítetos “peste/câncer gay” pela imprensa mundial; ainda nos anos 80, o rosto de um homem guei foi associado à noção de paciente zero, aquele que teria contaminado o Ocidente de forma deliberada e maliciosa, lido como um sociopata pervertido.

O vírus hiv não faz acepção de pessoas, mas homens homossexuais – e pessoas transexuais – sempre foram os grupos mais vulneráveis nos centros urbanos onde a epidemia foi mais grave. Ela atingiu contundentemente a população masculina não heterossexual, mas precisamos ressaltar o apagamento e o desrespeito que ocorre até hoje em relação à identidade de gênero de pessoas trans e travestis femininas nos dados do campo da saúde. Ordinariamente, todos eram definidos como homossexuais ou gueis, até porque a pauta dos direitos de reconhecimento, acesso e dignidade da população trans ganharam mais força política no século XXI.

As representações das “vítimas da aids” eram perpassadas por uma iconografia da melancolia (Gilman, 1987, p.99)²: constrói-se um repertório pictórico da depressão, através da relação dualista mente-corpo, na qual a primeira refere-se à homossexualidade como “doença mental” e a segunda a homossexualidade como “desvio sexual”. A imagem do corpo retrataria o estado de espírito. A “vítima da aids” foi representada como o homem sofredor e desesperado, ao defini-lo como deprimido e marginal e associá-lo ao estigma da doença mental

² A exposição do corpo, em particular do rosto, adoecido por conta da aids é chave para a sua representação. GILMAN, Sander L. AIDS and Syphilis: The Iconography of Disease. In: CRIMP, Douglas. Aids: Cultural Analysis, Cultural Activism. Cambridge: MIT Press, 1987.

por meio da associação iconográfica com a figura do melancólico que materializa o desespero. A masculinidade subversiva no “corpobicha” sempre foi alvo de escárnio e a aids só reforçou esse não lugar da marginalidade identitária que elas mesmas, as bichas, resignificam e insistem apesar. Apesar do mundo. O desbunde, a raiva, a performance radical, o sexo, o grito, ou seja, a simples persistência em existir das bichas, pessoas trans e travestis foi o contraponto a essa pictografia da melancolia. Elas eram também os movimentos sociais, os artistas, os professores, a resistência dos guetos, as putas ou mesmo a pessoa ordinária que ousava ser ela mesma perante uma política brutal de caça às bruxas.

Um dos muitos pontos instigantes dessa coletânea é que ela intenta mobilizar no cenário das escritas sobre aids uma dobra nos já esgarçados discursos produzidos sobre o tema nos espaços-tempo das ciências sociais e da saúde, isto é, ao priorizarmos a recepção de materialidades diversas (ensaios, poemas, textos críticos, carta, dramaturgias e artes visuais) a coletânea vai tecendo outros fios e “costurando a memória” – como sugere a artista Rosana Paulino em sua aclamada exposição *A Costura de Memória* (2019) –, de um tempo que já não é mais, mas que não cessa de ser reencenado a partir de uma construção estigmatizante sobre as pessoas que vivem com hiv/aids (PVHA). As linguagens artísticas, apesar de terem sido escamoteadas em prol de uma enxurrada de discursos médicos, ao longo da contação dessa história canônica da epidemia, sempre se mantiveram ativas na produção de um corpo e uma subjetividade que, mesmo atravessadas pela violência produzida pelo silenciamento dos governos e do relativo descaso com as vidas de pessoas soropositivas, encontram no espaço-tempo do fazer artístico um manejo, uma cura, como reivindicam algumas pessoas artistas da cena do hiv/aids.

Esta coletânea de textos (artigos, poemas, ensaios, cartas, memórias, fabulações, exercícios), poderíamos dizer, se apresenta como jornada. Mas não como um ponto de início, começando esquematicamente pelo “primeiro capítulo”, que vai até o fim. A proposta organizativa dos textos é outra, manejada a partir dos próprios textos e de seus muitos diálogos. É preciso, pelo menos nesta apresentação,

começar de algum começo. E este livro começa com a nossa reunião enquanto organizadores, a definição dos nossos objetivos e o convite às contribuições, recebidas ou não.

Pois é preciso apontar que parte importante do trabalho de construção da obra se deve, também, ao que não foi feito, não foi enviado ou às contribuições negadas. Não, não se trata de lamentar pelas pessoas que não puderam estar nessas páginas, mas de reconhecer os limites e potencialidades desses últimos anos em que nós, organizadores e pessoas autoras, detivemo-nos neste livro e em muitas outras dimensões da vida. Não é demais rememorar o fato de propormos reflexões sobre a pandemia de aids em quatro décadas no meio de outra pandemia que apontava para novos/velhos moralismos recordados por gênero, classe, raça, sexualidade, origem. Os momentos de isolamento, extensamente mediados pelas mídias digitais e pelas muitas narrativas (i)racionais de prevenção operaram, em grande medida, esgotamentos mentais, corporais e afetivos. A tangibilidade da vida se converteu em utopia a se realizar com a cruzada farmacêutica de salvaguarda de certas vidas. É preciso colocar, uma vez mais e sem perigar parecer antivax, a que realidade a corrida vacinal pretendia garantir a permanência se outros aspectos da vida em sociedade não são minimamente garantidos em tempos de crise? Esse tema é crucial quando nos propomos a pensar a aids e seus muitos significados e impactos de gestão populacional nas últimas décadas.

Nós, que aqui escrevemos essas linhas iniciais, nascemos na era da aids, não conhecemos um mundo sem aids, um mundo de bichas que não sejam apontadas como vetores e que tenham que apresentar socialmente suas credenciais de negatividade, repassar seu conhecimento sobre a prevenção, louvar o látex, justificar a PreP (“não, eu não sou promíscua, só quero mais garantias de não me tornar positiva”), se desculpar pelo que a levou à PeP. As tecnologias parecem muitas, mas sempre esbarram nas significações alimentadas sobre a aids e as bichas. A aids vem junto com a bicha, independente do resultado do teste; e a nova pandemia (eventualmente, também utilizamos o termo “epidemia” como ficou mais comum ao se referir a crise da aids), neste momento sendo sobrepujada por uma varíola que, uma

vez mais, define os corpos a serem controlados. É uma emergência de saúde pública, marcada profundamente por interseções já conhecidas, novamente localizando e reiterando o ponto de surgimento e expansão microbiótica e os corpos significados como vetores.

Nesse sentido, a chamada de contribuições pretendia ir além de uma revisão das últimas quatro décadas da aids, que foi e ainda será feita a partir de diferentes aproximações ativistas, institucionais, acadêmicas e subjetivas ao tema. A ideia de “capa” no título realiza um jogo semântico com o preservativo, pois “capa” é uma gíria que remete à camisinha. “Sem capa” é também uma expressão referente a uma prática de sexo sem o uso de preservativos (ou *bareback*), mas a provocação e a ironia aqui referem-se a uma proposta de discussão aberta, sem censuras e limitações temáticas e estéticas.

Na intenção de criar um espaço mais livre dos formatos textuais regulares, propusemos o envio de produções “sem capa”, abertas às tensões e intenções das pessoas autoras, sem limite espacial mínimo e recebemos muitas reflexões mediadas por imagens e palavras. Não são necessariamente textos organizados à maneira acadêmica, há estes também, e os dispusemos no livro a fim de dialogarem entre si. As tessituras possíveis são muitas, as costuras formariam um novelo de aparência caótica, espiralar, mas que, ao se seguir seus nós, conectam muitos fluxos que ora são impactados pela colisão com outras linguagens no percurso da obra, sem hierarquias ou a noção de conhecimento ilegítimo. Essa é a nossa pretensão afetiva em dispor esse livro como um emaranhado de afetações nas diferentes etapas em que foi se constituindo. E é preciso apontar que ele foi feito e desfeito muitas vezes, tanto pelas contribuições enviadas, quanto pelas impossibilidades de cumprimento dos prazos de envio, que foram muitos. Mas o mundo e a vida se impunham.

O conjunto de contribuições organizadas neste livro aponta para a dimensão das leituras e interpretações das linguagens midiáticas e artísticas, presente na reflexão sobre a aids há muito tempo, mas cada vez mais presente. É preciso reconhecer o ativismo, e as pessoas artistas, como parte importante da aids, aqui circulando entre diferentes mídias e suportes e colocando em perspectiva o que se

fala e de quem se fala. E, assim, organizamos os trabalhos de forma espelhada, não como se um trabalho refletisse o outro, mas como se jogassem imagens que se proliferam em espelhos dispostos um de frente ao outro. Desse modo, comentaremos aqui os escritos sem obedecer a uma norma de índice ou uma divisão por gênero textual, mas a um fluxo dialógico e intenso que sempre foi a marca da verborragia produzida na e pelas crises da aids.

O assujeitamento coletivo das pessoas vivendo com hiv se converte, cada vez mais, em deslocamento de enunciação sobre si, sobre nós. Isso pode ser percebido nos textos de Lili Nascimento e Xan Marçal, respectivamente, dois textos potentes que tratam de fluxos, dores e corpo utilizando a narrativa como fio condutor (e que se ligam aos textos de Ramon, Maurício, Kako, Sejo e Maria, por exemplo). Já os trabalhos de Renan Kenji Sales Hayashi e Kako Aranciba operam como síntese das impossibilidades e potências da produção discursiva e memorial sobre a Aids a partir das intervenções artísticas, seja em exposições e monumentos, seja na performance (trabalhos que se conectam aos de Todd, Ricardo, Maria, Ronaldo e o coletivo HIV/arte).

Os escritos de Ricardo Andrade Coitinho Filho e Fernando Impagliazzo, a partir de diferentes formas textuais, questionam uma retórica preventiva de cuidado de si centrado no indivíduo e nos controles morais dos corpos (tema que aparece também nos trabalhos de Vladimir, de Adriano, André e Guilherme e de Antônio e Carlos). Nos trabalhos de Vladimir Bezerra e Ronaldo Serruya podemos pensar na complexidade de ações de questionamento do estigma relacionado ao hiv, seja pelas festas “sem capa” como “circuitos pulsionais” ou com um manifesto de vida (temas presentes também em Maurício, Vinícius e Sejo).

Os textos de Fabiano de Freitas e Sejo Carrascosa, de diferentes maneiras, operam no questionamento de protocolos e na proposição de outras formas (de viver, atuar, produzir); destacamos que a ideia de cartografia surge tanto no percurso fármaco de Sejo quanto no texto de Vladimir que enumera pontos de encontro e vivência sexual trans-temporais (movimento semelhante ao de Todd, Leandro e Renan). Nos trabalhos de Vinícius de Carvalho e Maurício Silva da

Anúnciação, as escritas de si produzem questionamentos a partir da produção literária/poética na constituição de manifestos contra assujeitamentos constantemente operados na conformação das pessoas vivendo com HIV (como em Maria, Salvador e Fabiano). Os escritos de Maria Silvino e Francisco Luis Brandão Teixeira do Rego formam parte do conjunto heterogêneo e subversivo das reflexões que partem das artes ao tratar de aids, vida e morte, em performances ou intervenções como propostas de infecção da norma (como Ramon, Xan, Tiago e Kako). Parte importante dos discursos sobre infecção, exposição e *bareback* dialoga com as mídias pornográficas e o acesso a sites que veiculam “gratuitamente” vídeos profissionais ou amadores: esse é o tema trabalhado por Antônio Carlos Fausto da Silva Júnior e Carlos Alberto de Carvalho na reconstituição do estigma através da ideia de “peste gay” e disseminação do vírus, questão também refletida a partir de uma reflexão memorial de Salvador Campos Corrêa sobre a pertença e o trânsito pelos armários que operam diferentes estigmas (como em Ronaldo, Vinícius, Vladimir e Lili).

O olhar memorial se apresenta também na análise de Adriano Henrique Caetano Costa, André Luís Leite e Guilherme Shimocomaqui e das cartas do coletivo HIV/arte no manejo das percepções e lutas do ativismo ao longo das quatro décadas de epidemia, e o que podemos aprender com o início do ativismo brasileiro, em diálogo crítico com o atual cenário pandêmico da Covid-19 (como em Leandro, Sejo e Ronaldo). Nos textos de Ricardo Henrique Ayres Alves e de Tiago Amaral Sales podemos pensar em duas modalidades panorâmicas de pensar a história da aids: em uma, a poética do porvir no engate sexual-social, em outra, as possibilidades de poéticas visuais na organização da inteligibilidade sobre a aids (como em Fábio, Leandro, Todd e Ricardo). Tais questões novamente aparecem quando os espelhos se aproximam, se tocam e chegamos aos textos de Leandro Noronha da Fonseca e de Todd Lester, duas contribuições sobre literatura e arte contemporânea como formas de “viagens intergaláticas” entre mundos e sentidos. No permeio, a abordagem sobre o tempo, os ecos de muitas vozes de antanho e seus efeitos, de Ramon Victor Belmonte Fontes, irrompe e abre as linhas de conexão do livro ao passo que dialoga com as reflexões de Fábio Fernandes sobre as passagens do

tempo, suas sequelas e heranças na movências identitárias. Quem sabe até mesmo o fim das identidades soropositivas. Espelho virado para si como outro espelho.

No total, temos vinte e cinco contribuições aqui reunidas e, é preciso dizer, elas também apontam para nossas redes de diálogos e afetos. Com esta publicação queremos que essa rede cresça em potência de lapidação normativa das aids(s). Boa leitura.

As escribas

Adriano Henrique Caetano Costa é Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e bacharel em Filosofia pela mesma universidade. Atua como consultor técnico nas agências da UNESCO e UNICEF na área de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, HIV/AIDS e Saúde LGBTQIA+. Tem experiência na área de Ciências Sociais em Saúde, principalmente sobre os seguintes temas: Ciências Sociais e Saúde Coletiva; Metodologia Qualitativa em Saúde. Contato: adrianohcaetano@gmail.com

André Luis Leite é Arquiteto de histórias improváveis. Cearense do Cariri. Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia. Membro do Núcleo de Psicologia Política e Movimentos Sociais da PUC/SP. Partidário do Estado democrático de direito e das políticas públicas. Interessado pela produção ativa e intencional do futuro. Pesquisador na Universidade da Cidade de Nova York e na Universidade de York, no Canadá. Candidato ao prêmio Jabuti de literatura 2021. Apaixonado por música, livros e cinema. Contato: ndreluislfs@gmail.com

Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior é Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Bolsista Capes. Estuda interseccionalidades a partir de narrativas sobre o barebacking sex, com ênfase nas articulações de gênero, raça e classe na produção do desejo bareback. Mestre em Ciências da Comunicação e jornalista profissional pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Contato: antoniofaustojr@gmail.com

Bruno Puccinelli é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, mestre e bacharel também em Ciências Sociais (UNIFESP e USP, respectivamente) tem refletido sobre cidade, gênero e sexualidades em diálogo com áreas como a Geografia e a Arquitetura. Atua também como docente em formações e oficinas em direitos humanos, saúde e sexualidade em instituições culturais e de ensino. É autor de artigos e capítulos de livros sobre essas temáticas e faz parte de núcleos, grupos de pesquisa e redes de investigação como o NUMAS - USP (Núcleo de Estudos

sobre Marcadores Sociais da Diferença da USP), NUDHES (Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos e Saúde LGBT da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo) e a RGGSLA (Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidade Ibero Latino-Americana). É autor de artigos sobre estas temáticas e do zine LubriCidade (2021). Contato: puccinelli.br@gmail.com

coletivo HIV/arte é formado por:

Augusto Imanishi Bonavita é médico (UFPel), bacharel em psicologia (UFRJ), usuário e difusor da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP);

Caio Henrique de Mendonça Chaves Incrocci é psicólogo e mestre em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente faz doutorado na mesma instituição. É positivo desde 2017;

Franclin Correia da Rocha, bicha preta de pele clara, periférica, arthivista, educador, performer, aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA), especialista em Arte Educação Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas (EBA-UFBA);

Giovana Meinberg Garcia é psicóloga, mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e docente no Centro de Educação da UFPE;

Salvador Campos Corrêa é psicólogo, escritor e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira (IFF/FIOCRUZ) e vive abertamente com HIV;

Maurício Silva da Anunciação, o menino dos olhos de Õ sun, bicha preta, periférica, poeta, educador social, escrev[hiv]ente e Doutorando em Crítica Cultural - (Pós-Crítica, UNEB);

Marcos Corrêa de Britto, pesquisador e mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ);

Tiago Amaral Sales, biólogo, professor e doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU);

Vinícius de Carvalho: bicha positivista professora de Educação Física, doutoranda em Educação, conhecimento e inclusão social pela FaE-UFMG.

Carlos Alberto de Carvalho é Professor do PPGCOM/UFMG. Bolsista produtividade 2 do CNPq. Doutor em Comunicação Social pela UFMG. Coordena

e orienta pesquisas sobre homofobia, violência e relações de gênero. Autor dos livros “Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987” e “Jornalismo, homofobia e relações de gênero”. Contato: carloscarvalho0209@gmail.com

Fabiano de Freitas, o Dadado é diretor de teatro, dramaturgo e ator. Mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ (2019). Pesquisador de performatividades, encenação, política e corpos abjetos e dissidentes. Passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, mas desde 2018 vive em São Paulo confirmando seu corpo migrante. Acredita na bichice e no desbunde como formas militantes de vida e existência. Contato: teatrodeextremos@gmail.com

Fábio Fernandes é Professor Assistente do Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e mestre em Cultura e Sociedade pelo Pós-Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atuou como professor de Língua Portuguesa no ensino básico e é um entusiasta da escola pública. Interessa-se e desenvolve pesquisas e projetos diversos nos campos das Linguagens, Educação, Gênero e Sexualidade e acredita radicalmente na possibilidade de um mundo aberto às diferenças e dissidências. Contato: fabio.fernandes@ufob.edu.br

Fernando Impagliazzo (1990) é professor de literatura e poeta. Autor de Prova das nove (Multifoco, 2014) e Promíscuo (Hecatombe, 2021). Publicou poemas em revistas nacionais e internacionais como Ruído Manifesto, Mal-larmagens, Eve Poetry (EUA) e Granuja (México). Foi publicado na antologia Tente entender o que tento dizer: poesia hiv/aids (Bazar do tempo, 2018). É, além de fundador, também editor e revisor da revista toró. Integra as equipes do Núcleo Edição (PACC-UFRJ) e da revista Garrafa (UFRJ). É mestre e doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ. Contato: fpimpag@gmail.com

Francisco Luis Brandão Teixeira do Rego é Mestrando em Artes Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGACL-UFJF), na linha de pesquisa Poéticas Visuais e Musicais. Contato: franciscobrandao94@hotmail.com

Guilherme Shimocomaqui é Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos com estágio sanduíche no Instituto de Saúde Global

da Universidade da Califórnia, São Francisco. Atuou como Sanitarista na Coordenação de HIV/Aids e na Coordenação de Atenção Primária da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul e docente da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Atualmente atua como especialista de projetos no Hospital Israelita Albert Einstein. Contato: g.shimocomaqui@gmail.com

Kako Arancibia é ator, performer, artista e entusiasta da arte da conversa. Transa trabalhos focados nas questões de gênero e sexualidade. Em suas ações solo, tenta experimentar um misto de arte, terapia e política, em criações variadas pensadas para ativar uma percepção mais desejante e menos estigmatizada do universo do hiv e da aid\$. Contato: maykol.arancibia@gmail.com

Leandro Noronha da Fonseca é jornalista, escritor e pesquisador. Mestre em Letras com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/ECA/USP). No campo do jornalismo, já produziu textos para os sites Viva Favela (Viva Rio), Agência de Notícias da Aids, Blog Mural (Folha de S. Paulo) e CartaCapital. Contato: lfonseca954@gmail.com

Lili Nascimento é pisciana, terapeuta, escritora, pesquisadora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com a pesquisa «Infâncias vivendo com HIV/aids no Brasil»... E nasci com Aids! Atuo no cruzamento entre arte e clínica, através da *experiências* imagéticas e tenho investigado a possibilidade da plasticidade existencial no processo de desaprendizagem colonial para fomentar a potência da infancialização da vida como possibilidade de futuros possíveis e de novos regimes de existência. Contato: coletiva@lokadeefavirenz.com

Maria Sil é travesti, branca, mestiça, produtora cultural, cantora e performer. Iniciou sete cursos de graduação e não concluiu nenhum. Segue produzindo arte e conhecimento fora das instituições acadêmicas. Contato: produtoramariasil@gmail.com

Maurício Silva da Anunciação é o menino dos olhos de Òsun, bicha preta, periférico, poeta e escrev[hiv]ente. Graduado em Letras Vernáculas (UFBA),

com Especialização em Linguagem e Produção Textual (UNIDOM), Mestre em Literatura e Cultura (UFBA) e Doutorando em Crítica Cultural (Pós-Crítica, UNEB). Contato: mauricio.ufba@gmail.com

Ramon Victor Belmonte Fontes é comunicólogo com habilitação em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestre em Cultura e Sociedade (PósCultura/UFBA), especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) e doutorando em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA), professor substituto no Bacharelado Interdisciplinar em Artes (IHAC/UFBA). Multiartista em processo, pessoa vivendo com hiv/aid\$, desenvolve reflexões em torno das questões de gênero e sexualidade, nas intersecções entre racialidade/etnia, saúde, território, memória e processos criativos, com particular interesse na literatura enquanto uma linguagem expandida, abarcando as artes performáticas, a música, o cinema e o teatro afrodiaspóricos. Coordena, atualmente, a linha de pesquisa “Artes, Gêneros e Sexualidades”, no NuCuS - Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (UFBA/IHAC). Portfólio e contato: <https://ramonfontes.webnode.page/> | ramon_fontes@hotmail.com.br

Renan Kenji Sales Hayashi é Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DELEM). É doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Seus interesses de pesquisa se voltam para as áreas de língua estrangeira e psicanálise, estudos do discurso e subjetividade, análise de discurso e filosofia. Contato: renanhayashi@hotmail.com

Ricardo Andrade Coitinho Filho é doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2021). Suas pesquisas e áreas de interesse estão vinculadas a questões em Gênero e(m) interseccionalidades, parentalidades, Ciência/saúde, políticas públicas e Direitos Humanos. O artigo presente nesta coletânea faz parte da sua pesquisa de doutorado, financiada por meio da bolsa Capes. Contato: ricardoacf@id.uff.br

Ricardo Henrique Ayres Alves é Doutor e Mestre em Artes Visuais (UFRGS), Bacharel em Artes Visuais (FURG). Professor do Centro de Artes da Universi-

dade Federal de Pelotas. Historiador da arte e artista visual. Seus interesses orbitam a arte contemporânea e suas interseções com o corpo, o HIV/aids, a sexualidade e o cotidiano. Contato: ricardohaa@gmail.com

Ronaldo Serruya é dramaturgo e ator do Grupo XIX de Teatro desde 2004, criando e atuando em peças como *Hygiene*, *Arrufos*, *Marcha para Zenturo* e *Teorema 21*, entre outras. Em 2009, fundou o Teatro Kunyn (SP), para discutir a questão queer nas artes cênicas, onde atuou e escreveu a dramaturgia dos espetáculos *Dizer e não pedir segredo*, *Orgia* ou de como os corpos podem substituir as ideias (indicado ao APCA de melhor peça de 2016) e *Desmesura* (Prêmio Suzy Capó de obra mais transgressora no 25º Festival MIX da Diversidade). Em 2017 iniciou uma pesquisa sobre lugares de fala e representatividade que gerou o espetáculo *Plantar cavalos para colher sementes* (que cumpriu temporada no SESC Consolação), e a oficina *Falo por minha diferença*. Desde 2016 pesquisa e estuda as relações entre arte e HIV/AIDS, onde criou e idealizou o projeto “Como eliminar monstros: discursos artísticos sobre HIV/AIDS” que já contou com o apoio institucional do Itaú Cultural e do Goethe Institut, entre outros. Em seus estudos dramatúrgicos sobre a dissidência idealizou e desenvolveu a Pesquisa *Escritas Dissidentes: dramaturgias da travessia*, que já virou oficina e curso ministrado pelo SESC e Instituto Artium de Cultura Foi indicado como melhor autor ao prêmio São Paulo de Incentivo ao Teatro Infantil e jovem pela dramaturgia da peça *Hoje o escuro vai atrasar para que possamos conversar*. Atualmente prepara a estreia do seu texto *A doença do outro*, ganhador do 7º edital de Dramaturgia em pequenos formatos do CCSP (SP). Contato: ronaldoserruya@gmail.com

Salvador Campos Corrêa é psicólogo, escritor e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira (IFF/FIOCRUZ) e vive abertamente com HIV. Contato: salvadorcorrea@gmail.com

Sejo Carrascosa (Madrid 1959) es activista Kuir ha participado en diferentes grupos de disidencia sexo-generica, La radical Gai, Gaytasuna, Lumagorri... También ha colaborado en diferentes libros y publicaciones, junto con Javier Sáez ha publicado el libro “Pelo Cu Políticas Anais”. En la actualidad trabaja como coordinador en IKUSGUNE. Observatorio contra la LGTBI+fobia de Vitoria-Gasteiz, Pais Basco, España. Contato: sejomari@gmail.com

Tiago Amaral Sales é Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. Contato: tiagoamaralsales@gmail.com

Todd Lanier Lester, artista e autor, fundou o freeDimensional, uma rede de criação de arranjos de locais de refúgio para artistas-em-perigo com a participação em residências artísticas (10 anos), o que foi o primeiro de uma série de projetos contínuos, de múltiplos participantes, focados em direitos. Recentemente completou o Lanchonete.org, seu segundo projeto sobre o direito à cidade em São Paulo (5 anos). O terceiro e último projeto da série, Luv ‘til it Hurts, trata de HIV e estigma (2 anos). Contato: lanier.lester@gmail.com

Vina di Carvalho é uma bicha positivista professora de educação física doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da FaE-UFMG. Uma bicha performática que insiste que as alegrias devem ser produzidas de propósito, individual e conjuntamente, para enfrentar a constante disputa pelo sofrimento ainda imposta aos corpos. Uma bicha que quer estar viva para assistir à posse da primeira travesti presidenta do Brasil. Contato: viniciuscarvalhopp@gmail.com

Vladimir Bezerra é Psicólogo clínico e psicanalista. Doutorando em Saúde Coletiva pelo Instituto Fernandes Figueira - IFF, Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. Contato: vladimir.bezerra@uol.com.br

Xan Marçal é artista, professora de teatro, atriz, escritora. Trabalha com ativismo em prol das Causas Trans/Travestis e HIV/AIDS. No Cinema, teve recentemente seu primeiro longa metragem em parceria com a artista LIBRA, em exposição no SCHWULES MUSEUM BERLIN. Seu filme de estreia IAUA-RAETE tem premiações e menções em festivais nacionais e internacionais. Trabalha com crianças e adolescentes na educação formal e informal. Sua poética é impulsionada pelas Imagens e Imaginários Kaabokos e indígenas na Amazônia Paraense. Atualmente é mestranda em Antropologia pela UFBA. Contato: xanmarcal@gmail.com

